

ARTE NAS ESTAÇÕES

CAMPO GRANDE - MS

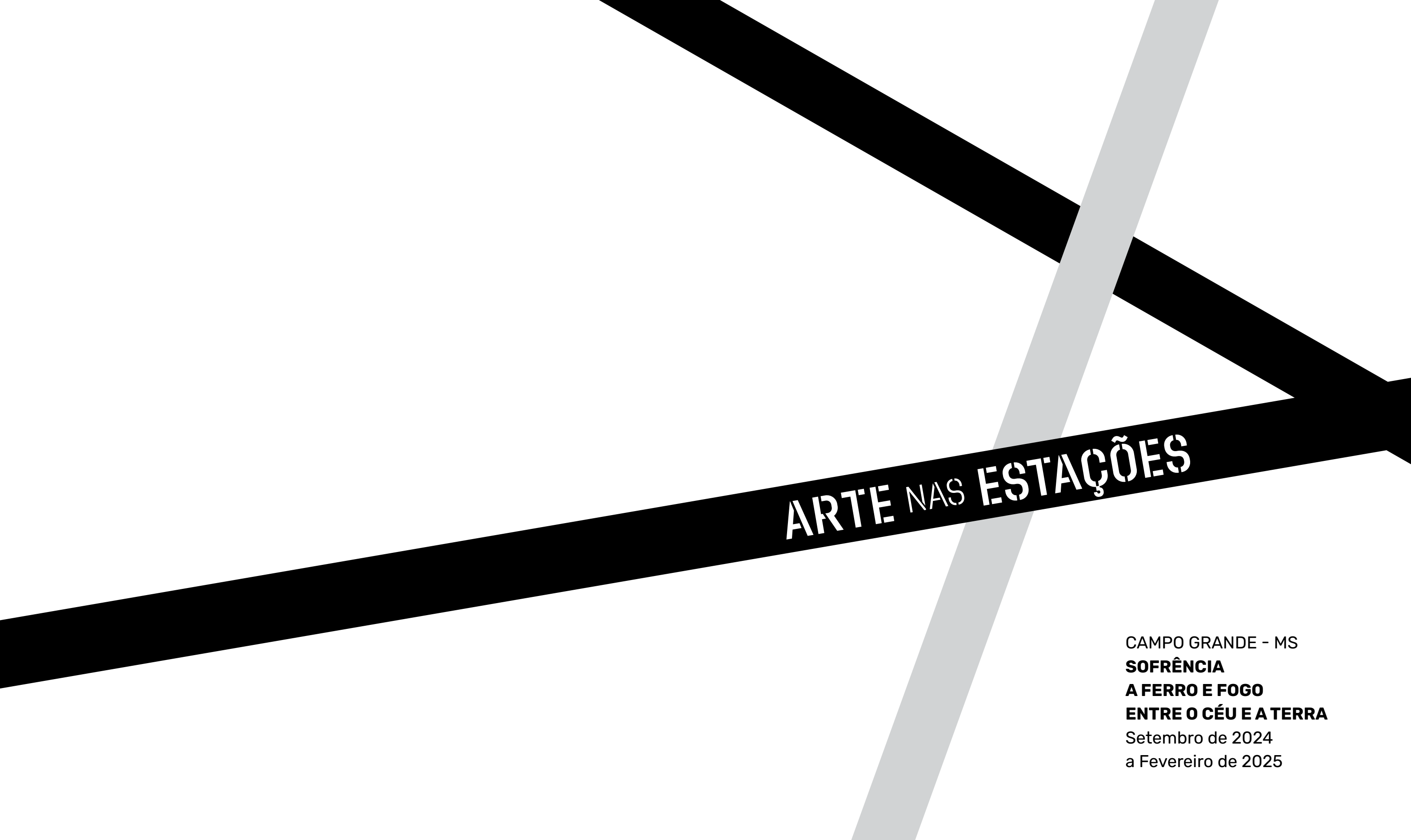
SOFRÊNCIA

A FERRO E FOGO

ENTRE O CÉU E A TERRA

Setembro de 2024

a Fevereiro de 2025



ARTE NAS ESTAÇÕES

CAMPO GRANDE - MS
SOFRÊNCIA
A FERRO E FOGO
ENTRE O CÉU E A TERRA
Setembro de 2024
a Fevereiro de 2025

Centro Cultural Sesc Octávio Guizzo

ARTE ESTAÇÕES

CURADORIA
ULISSES CARRILHO

**SO —
FRÊNCIA**

ARTE NAÏF

05 SET — 20 OUT

PRÓXIMAS MOSTRAS:

**ENTRE O CÉU
E A TERRA**
31 OUT — 08 DEZ

**A FERRO
E FOGO**
19 DEZ — 30 FEV



Arte, cultura, história e entretenimento para diferentes lugares do país	006
Jamais fomos ingênuos <i>Ulisses Carrilho</i>	010
O que podemos fazer juntos <i>Janaína Melo</i>	016
Geração de Renda/ Fortalecimento da Indústria criativa	022
Números	026
Divulgação	028
Acessibilidade / Sustentabilidade	030
Ações Educativas	
CICLO 1 Sufrência	032
CICLO 2 Entre o Céu e a Terra	058
CICLO 3 A Ferro e Fogo	088
Ficha técnica	122
Contatos	125

Arte, cultura, história e entretenimento para diferentes lugares do país

O Arte nas Estações leva arte, cultura, história e entretenimento para diferentes lugares do país, por meio de exposições potentes e ações educativas transformadoras em diálogo com os territórios.

Criado em 2022, o projeto descentraliza o tradicional eixo geográfico das mostras de arte no eixo Rio x São Paulo, jogando luz em produções relevantes de artistas autodidatas, com diferentes narrativas e visões de mundo.

Em sua primeira edição, de fevereiro a setembro de 2023, o Arte nas Estações exibiu três mostras temáticas itinerantes que foram apresentadas em três cidades mineiras: Ouro Preto, Congonhas e Conselheiro Lafaiete, totalizando nove coletivas ao longo de oito meses. Com curadoria de Ulisses Carrilho e Direção Executiva de Fábio Szwarcwald, as exposições “Sofrência”, “Entre o céu e a terra” e “A ferro e fogo” apresentaram recortes do acervo do Museu Internacional de Arte Naïf do Brasil, fechado em 2016.

Em 2024, o projeto ocupa o Centro Cultural José Octávio Guizzo, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, tendo



as obras das três mostras como ponto de partida para se pensar junto com os diferentes públicos, novas formas de aprender, se relacionar, interagir e cocriar experiências. A programação, totalmente gratuita, inclui visitas mediadas, oficinas de arte, formação com professores, ações artísticas e culturais envolvendo agentes locais, ações de acessibilidade e inclusão.

O projeto Arte nas Estações está alinhado aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Organizações das Nações Unidas (ONU). Nesse aspecto, Educação de Qualidade (ODS 4) permeia todo o projeto, que leva cultura por meio da arte para diferentes lugares do Brasil, promovendo o acesso de crianças, jovens e adultos de escolas públicas e projetos sociais. As três exposições que compõem o Arte nas Estações buscam garantir a todos conhecimentos e habilidades necessárias para promover o desenvolvimento sustentável e estilos de vida sustentáveis, que incluem necessariamente direitos humanos, igualdade de gênero, uma cultura de paz e não violência, cidadania global e valorização da diversidade cultural

e da contribuição da cultura para o desenvolvimento sustentável (ODS 4).

Arte nas Estações desenvolveu um robusto programa de educação e cultura que a partir das às exposições principais, contribuíram também para a alcançar a igualdade de gênero (ODS 5), reduzir as desigualdades (ODS 10), disseminar a importância de proteger as florestas (ODS 15) e promover sociedades inclusivas (ODS 16), tanto por meio do conteúdo quanto por meio dos grupos que participaram das ações.

Jamais fomos ingênuos

Ulisses Carrilho
CURADOR

O caminho conceitual desenvolvido pelo projeto Arte nas Estações começa em 2019 com a exposição-manifesto Arte Naïf – Nenhum Museu a Menos, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, e já anunciava um objetivo pretensioso, mas também urgente: desmontar a ideia de ingenuidade violentamente atribuída pela história da arte aos indivíduos que não tiveram acesso ao ensino formal. Olhar para os artistas autodidatas, para aquilo que é comumente chamado de arte popular, é reconhecer os pontos cegos da nossa historiografia da arte no Brasil. É urgente revisitar esses processos históricos sob a ótica da raça, do gênero e da classe, compreendendo que, em um país cuja organização social e econômica tem a desigualdade como marca fundamental, pensar a obra desses artistas excede a questão da estética. Trata-se de entender que, enquanto alguns escolhem sua formação e profissão, outros sequer têm essa opção. Como aponta Odoteres Ricardo de Ozias numa alegoria do carnaval, em sua tela “O Carnaval é nosso” (2001), pintada por ele, artista cuja obra é fundamental para os alicerces conceituais deste projeto: “Acim Vivemos”.

Essa desmontagem da ingenuidade se fortalece agora em Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, por meio de uma expografia sofisticada e imersiva, desafiando nossas expectativas em relação ao vernacular, ao popular, ao tradicional. Um túnel monocromático conduz o público por três exposições consecutivas, cada uma reverberando uma cor e um eixo temático central: Sofrência (vermelho), Entre o Céu e a Terra (azul) e A Ferro e Fogo (amarelo).

Sofrência nos permite elaborar gênero, corpo e representação, com discussões que apontam seu foco para uma economia do cuidado, para as oportunidades de trabalho e reconhecimento dos femininos, valendo-se da história recente do feminejo. O sertanejo – gênero musical mais ouvido do Brasil – nos dá uma lente para observar a transição do país do rural para o urbano e, sobretudo, para compreender como, nos anos 2010, as mulheres passaram de musas a protagonistas do ato criativo neste gênero, compondo, cantando e contando suas próprias histórias. A canção popular já conseguiu desestabilizar hierarquias culturais antes; o mesmo precisa acontecer com a arte popular.

Entre o Céu e a Terra investiga os sistemas de crença – e aqui a palavra está no plural. O Brasil se estrutura sobre disputas de fé, de identidade e de pertencimento, e essas tensões moldam a própria ideia de povo e de cultura popular. Quem pode definir o que é a arte do Brasil? Como se constrói um símbolo nacional? Como a ideia de um “nós” está em constante negociação, em disputa?

A Ferro e Fogo desloca o olhar para a ecologia e para a terra – não apenas como recurso natural, mas como território de conflitos e insurgências. O fogo, metáfora e matéria, nos conduz pelas violências e insubordinações que atravessam a história do país. As revoltas populares, das queimas de arquivo, passando pelo fogo sagrado e chegando aos incêndios criminosos, são chamadas que iluminam a disputa física e simbólica por um futuro comum.

Ao longo desse percurso, buscamos extrapolar as exposições como eventos isolados. Foram os programas educativos, os debates e as trocas com os territórios que deram a esse projeto sua real dimensão.

O que se propôs aqui não foi apenas um pente-fino na história da arte brasileira, mas escovar a contrapelo – um esforço para inscrever esses artistas na história não como outsiders, não como pintores de fim de semana, mas como agentes fundamentais da cultura e do pensamento visual do país.

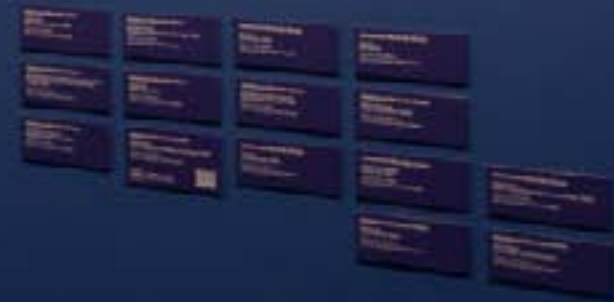
Essa iniciativa dialoga diretamente com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU, principalmente no que toca à educação de qualidade (ODS 4), à redução das desigualdades (ODS 10) e à valorização da diversidade cultural como motor de desenvolvimento sustentável (ODS 11), entre tantos outros. Ao fortalecer a circulação de acervos, o acesso democrático à arte e a legitimação de narrativas plurais, afirmamos a cultura como direito e como campo de disputa por um Brasil mais complexo, mais interessado e mais relevante.

Campo Grande nos ofereceu a chance de aprender com seus territórios e seus públicos. Nossa crença é de que o Brasil, enfrentando com radicalidade tal momento

pós-colonial, revisando sua história e seus símbolos, tem muito a ensinar ao mundo – especialmente àqueles que ainda chamam esses artistas de ingênuos.

Só posso levantar as mãos pro céu
Agradecer e ser fiel
Ao destino que Deus me deu
Se não tenho tudo que preciso
Com o que tenho, vivo
De mansinho lá vou eu

DEIXA A VIDA ME LEVAR,
Zeca Pagodinho



O que podemos fazer juntos

Janaína Melo

COORDENADORA DO EDUCATIVO
PROJETO ARTE NAS ESTAÇÕES

Quem consegue responder o que é o amor? Quem consegue nos dizer o que é sofrência? Em tempos nos quais a premissa de empatia mostra-se urgente, tais perguntas, lançadas sem a pretensão de encontrarem uma resposta objetiva ou única, impulsionaram o programa educativo do Projeto Arte nas Estações no ciclo de exposições "Sofrência", "Entre o céu e a terra" e "A ferro e fogo" curadas por Ulisses Carrilho a partir do acervo do Museu Internacional de Arte Naïf – MIAN. As rearticulações narrativas daquela potente coleção empreendidas em cada uma das mostras do projeto franquearam possibilidades do educativo refletir com os públicos de Campo Grande por meio de visitas mediadas, oficinas, performances, intervenções e uma robusta programação cultural acerca de agendas decisivas do contemporâneo, tais como questões de gênero, sagrado, pautas ambientais e sociais. Em todas elas o protagonismo ativo dos artistas, educadores e produtores da cultura do Mato Grosso do Sul que compartilharam experiências nas quais as exposições se perfazem como narrativas em processo de fabulação contínua, isto é, quando o discurso de uma mostra se

constrói na porosidade entre o que é mostrado, como é mostrado e como o público, ao performar, mostra a exposição e a si mesmo.

Nas três exposições Carrilho aproximou as obras dos artistas, suas narrativas e diferentes visões de mundo com o sertanejo, gênero musical muito popular e marcante na cultura brasileira. Essa prática dialógica envolvendo pinturas e repertórios musicais, resultou em Minas Gerais (onde ocorreu a primeira edição do projeto) e também no Mato Grosso do Sul numa ambiência favorável para implicar territórios e suas comunidades na construção de relações colaborativas e plurais, enfatizando diálogos, interseções, ativações e criações constituídas pelos públicos.

Coube-me, na circulação dessas exposições, desenvolver o programa educativo concebendo as propostas de relação dos públicos com os conteúdos presentes nas obras, elaborando um programa de construção de conhecimento e experiências ancoradas no diálogo e troca com saberes presentes no território,

convidando a comunidade artística e cultural da cidade a construir junto. Essa metodologia propõe o atravessamento propositivo de imaginários de cada território e partilhas de saberes, o princípio do “fazer junto” com as comunidades que recebem o projeto e o atravessam com ações de aprendizagens, pertencimento e vínculos. Embora tenha como pontos de partida alguns eixos de ação comuns em projetos educativos, tais como: visitas mediadas com público escolar, oficinas práticas para grupos e famílias e formações com educadores e professores que serão apresentados neste relatório. O que ocorre no educativo do Arte nas Estações é um estado de relação e convite a participação efetiva de artistas, educadores, produtores culturais e sociais da cidade que, ao olhar as exposições, fazem suas próprias perguntas e proposições desdobrando as intencionalidades ali presentes em novas formas de aprender, pensar e criar com e a partir das comunidades, isto é, dobram e desdobram a exposição em agendas relevantes para o lugar. Esse caminho, ensaiado como metodologia, só se concretizou a partir da presença e atuação

de uma equipe de educadoras potentes e vibrantes: Ana Triches, Assis, Jéssika Rabello, Julian Vargas e Kelly Queiroz, que contaram com a coordenação local da artista e educadora Marcus Perez.

Valendo-se do mote comum da “sofrência” e criando situações de vínculos com os públicos e comunidade artística de Campo Grande essa equipe propôs novas formas de ver e abordar os enunciados ali presentes instituindo um educativo que, paradoxalmente, reconhece-se provisório, uma vez que a todo momento se transforma por meio da escuta com e a partir das relações com os públicos. É nesse sentido que a exposição se transforma em palco, ambiente para oficina, cenário e contexto para inúmeras ativações.

Em Campo Grande é o Centro Cultural José Octávio Guizzo, que recebeu o conjunto de mostras, pela sua natureza já é um local dedicado à geração, formação e difusão da cultura sul-mato-grossense, localizado na região central da cidade e próximo a locais que marcam sua história. Próximo à zona de comércio popular, o local esteve

fechado durante anos devido a reformas, reinaugurado em abril de 2024, o Arte nas Estações é o primeiro projeto de exposições de envergadura nacional que o Centro Cultural recebeu. A equipe de educadoras conscientes da relevância desse espaço para a cidade e das possibilidades do projeto criou uma ambiência favorável e potente de ativações com o desenvolvimento de experiências culturais, imprimindo muitas performatividades queer até então inéditas aos saberes situados na cultura e nos corpos dos moradores de Campo Grande que atravessaram o Arte nas Estações.

Nesta interseccionalidade dispomos então de espaços de trocas entre o que são as experiências imateriais cantadas pelas músicas e aquelas que evocadas pelas pinturas foram convocadas nas performatividades e intervenções criadas pelos públicos. Existe aqui uma agência onde ocorre uma reversibilidade entre os papéis dos públicos e das obras, revezando continuamente posições na exposição os lugares de fala, ou seja: cada um diz, mas também escuta adicionando camadas ainda não exploradas. É nesse lugar que

o programa educativo, em sua 2ª edição, opera. Costurando arte, educação e as teorias queer incorporadas pela equipe local, atua em conformidade com as diretrizes do objetivo 10 das ODS: Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles, principalmente naquilo que sinalizam os itens 10.2: “Até 2030, empoderar e promover a inclusão social, econômica e política de todos, independentemente da idade, gênero, deficiência, raça, etnia, origem, religião, condição econômica ou outra e 10.3 “Garantir a igualdade de oportunidades e reduzir as desigualdades de resultados, inclusive por meio da eliminação de leis, políticas e práticas discriminatórias.”

Na tentativa de reconfigurar a maneira como os espaços culturais abordam a história, as culturas e as representações o que experimentamos em Campo Grande foi a resignificação das exposições e do acervos do MIAN por meio de uma pedagogia que incentiva a reflexão crítica e a formação de públicos mais conscientes das existências e pluralidade de/do gênero no processo das visitas mediadas, oficinas, programação cultural e formação com

professores. Instituído um ambiente democrático pautado pela equidade, onde as subjetividades não normativas possam ser vistas, construídas e celebradas. Atuamos com artistas visuais, mestras e mestras das culturas tradicionais, coletivos de artistas e educadores indígenas, pessoas LGBTQIAPN+, educadores da educação infantil, artistas da dança, teatro, música e da palavra tecendo com as(o)s públicos participantes uma prática educativa contemporânea, que atua como base para a criação de espaços mais inclusivos, que assumem a existência das corpos dissidentes e valorizam a pluralidade das identidades brasileiras.



GERAÇÃO DE RENDA/ FORTALECIMENTO DA INDÚSTRIA CRIATIVA

A metodologia do educativo consiste em instaurar uma relação com o território que recebe o programa de exposições, não apenas levar um acervo extraordinário de arte e cultural mas promover relação entre essas obras e o patrimônio cultural e artístico de cada local. Fomentamos nesse sentido uma relação com o patrimônio material e imaterial, processos formativos e de pesquisa e a economia criativa de cada lugar - contratando artistas, produtores culturais, ONGs colocando em movimento.

Nos três ciclos do projeto Arte nas Estações em Campo Grande contratamos mais de 80 agentes locais da indústria criativa com um cachê médio de R\$300 a hora.

- ALDO TORRES
- ALINE SERZEVILAÇA
- ANA TRICHES
- ANDERSON NUNES ORTIZ
- ANDRE VIEIRA
- ANDRÉ TRISTÃO
- BALLROOM MS
- BIANKINHA MC
- CHRISTIANE MEDEIROS
- CASA LECINQ
- CASA SHERMAN
- CEANI MARQUES
- CIA. DE IDEIAS
- CIA. (DES)LIMITES
- COLETIVA DE TRANS PRA FRENTE
- COLETIVO CAPOEIRA DO MATO
- CORVALAN
- DOVALLE E BANDA
- EMANUEL KOMIYAMA
- EMY MATEUS
- FESTIVAL AFRONTA
- FESTIVAL DE CINEMA FRANCÊS VARILUX
- FEBRARO DE OLIVEIRA
- FERNANDO ANGHINONI
- GABRIELA MANCINE
- GEOVANA CARDOSO

- GIOVANO CARVALHO NUNES
- GUN MC
- HANA'ITI KIPAE
- HOUSE OF HANDS UP
- HOUSE OF S'KILL
- IGOR BIGATÃO
- INSTRUTOR HUGUIN KPUERA
- INSTRUTOR MURILO GADELHA
- ISA RAMOS
- JE BLACK
- JÉSS CÂNDIDO
- JADERSON LIMA DOS SANTOS
- JESSIKA RABELLO
- JONI LIMA DOS SANTOS
- JULIAN VARGAS
- JULIO PRODIGY
- KAIQUE ANDRADE
- KELLY QUEIROZ
- KOMPARY COMUNICAÇÃO VISUAL
- LÉO MARECO
- LLEZ
- LU BIGATÃO
- MANU KOMIYAMA
- MARCUS PEREZ
- MARIANA DE CASTRO
- MAURICIO PINTURAS LTDA

- MATHEUS ASSIS
- MIGUEL CARVALHO
- PEDRO ALVARENGA
- PEDRO PILAR
- PEDRO MODESTO
- PERSÉFONE
- PRETISA MC
- PROJETO DA PONTE PRA CÁ, DA ESCOLA PRA LÁ
- PURO SUCO CULTURAL E EVENTOS
- RAFAELA GONÇALVES
- RECONTA ASSESSORIA DE IMPRENSA
- RENDA QUE RODA
- ROSE MENDONÇA
- ROSÂNGELA DUARTE
- SALLES IMAGENS
- SARA BERNAL
- SERENA MC
- SEU LUIZ PIPOQUEIRO
- SEMANA PRA DANÇA 2024
- SLAM CAMELIAS
- SOUKA MC
- SOL TERENA
- VACA AZUL
- YA TERENA



TUDO NOSSO!

CULTURA
NECESSIDADE
BÁSICA



FÉ NOS
CRISTOS

ARTE
SALVA!

NICE TO
SEE
YOU

NÚMEROS

PÚBLICO GERAL

8.600
PESSOAS

1.792
ALUNOS

52
ESCOLAS

3.181
PESSOAS PARTICIPARAM
DO PROGRAMA EDUCATIVO

127
PROFESSORES
CAPACITADOS

435
PESSOAS UTILIZARAM
OS ÔNIBUS DO PROJETO

CICLO 1

SO— FRÊNCIA

Público de **3.300** pessoas
Visitas mais oficinas com
1.200 alunos de **31** escolas
56 professores capacitados
ATIVIDADES EDUCATIVAS:
8 oficinas
5 visitas mediadas
3 atividades culturais

CICLO 2

ENTRE O CÉU E A TERRA

Público de **1.670** pessoas
Visitas mais oficinas com
534 alunos de **17** escolas
41 professores capacitados
ATIVIDADES EDUCATIVAS:
9 oficinas
6 visitas mediadas
6 atividades culturais

CICLO 3

A FERRO E FOGO

Público de **3.630** pessoas
Visitas mais oficinas com
58 alunos de **4** escolas
30 professores capacitados
ATIVIDADES EDUCATIVAS:
25 oficinas
11 visitas mediadas
7 atividades culturais



DIVULGAÇÃO

Ao longo dos seus seis meses de duração, os três ciclos do projeto Arte nas Estações foram amplamente divulgados na mídia local e nacional, com matérias de capa dos cadernos de cultura, reportagens na televisão (com diversas entradas ao vivo), além de entrevistas nas rádios de Campo Grande, e matérias online.

TOTAL DE MATÉRIAS **1.222**

VALOR DO CLIPPING **R\$ 26.143.853,42**

QUANTIDADE DE MATÉRIAS

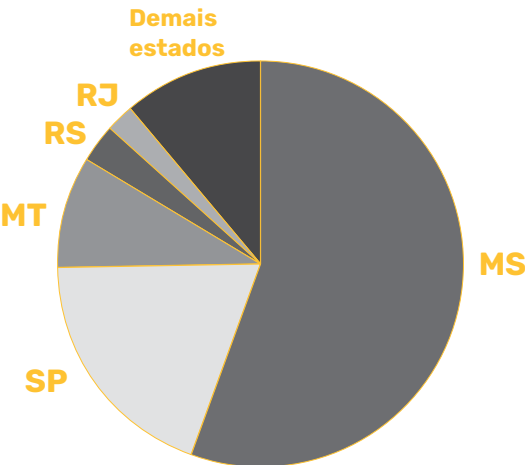
 Sites **1.166**

 Televisão **20**

 Jornal **19**

 Rádio **17**

ESTADOS IMPACTADOS



MS - 668 **(55%)**
SP - 234 **(19%)**
MT - 105 **(9%)**
RJ - 34 **(3%)**
RS - 28 **(2%)**
Demais estados - 152 **(11%)**

ARTES VISUAIS

“Entre o Céu e a Terra”

Em Campo Grande, segunda mostra com acervo do Museu Internacional de Arte Naïf do Brasil discute as noções de crença e lastro cultural das religiosidades no País



CORREIO B

ARTES VISUAIS

“SOFRÊNCIA” SOBRE TELA

Com abertura na quinta-feira, mostra no Centro Cultural José Octávio Guizzo apresenta 72 pinturas do acervo do Museu Internacional de Arte Naïf do Brasil que retratam o cotidiano; curadoria de Ulisses Carrilho inspira-se na música sertaneja

DA REDAÇÃO

O projeto Arte nas Estações, idealizado pelo colecionador e gestor cultural carioca Fabio Szwarcwald, chega a Campo Grande nesta quinta-feira com a inauguração da exposição “Sofrência”. Essa é a primeira de três mostras sequenciais que ocuparão os 200 m² de área expositiva do Centro Cultural José Octávio Guizzo, exibindo parte do acervo do Museu Internacional de Arte Naïf do Brasil (Mian).
Sob a curadoria de Ulisses Carrilho, as exposições foram concebidas de forma integrada, trazendo um total de 242 obras de 25 artistas. Instalada no Rio de Janeiro entre 1995 e 2015, quando morreu o acervo, o Museu abrigou um acervo permanente de 120 pinturas de artistas de 120 países. Considerado o maior acervo de gênero em todo o mundo, o conjunto foi reunido ao longo de décadas pelo judeu franco-brasileiro no Rio Lucien Fischerstein (1903-2000).
“Quando idealizei o projeto, meu objetivo era dar visibilidade a esta rica coleção e proporcionar um olhar contemporâneo para essas obras e seus produtores, apartados de qualquer preconceito e o mundo em que vivemos hoje”, diz Szwarcwald, diretor-executivo do Arte nas Estações.

DA REDAÇÃO

O projeto Arte nas Estações, idealizado pelo colecionador e gestor cultural carioca Fabio Szwarcwald, chega a Campo Grande nesta quinta-feira com a inauguração da exposição “Sofrência”. Essa é a primeira de três mostras sequenciais que ocuparão os 200 m² de área expositiva do Centro Cultural José Octávio Guizzo, exibindo parte do acervo do Museu Internacional de Arte Naïf do Brasil (Mian).
Sob a curadoria de Ulisses Carrilho, as exposições foram concebidas de forma integrada, trazendo um total de 242 obras de 25 artistas. Instalada no Rio de Janeiro entre 1995 e 2015, quando morreu o acervo, o Museu abrigou um acervo permanente de 120 pinturas de artistas de 120 países. Considerado o maior acervo de gênero em todo o mundo, o conjunto foi reunido ao longo de décadas pelo judeu franco-brasileiro no Rio Lucien Fischerstein (1903-2000).
“Quando idealizei o projeto, meu objetivo era dar visibilidade a esta rica coleção e proporcionar um olhar contemporâneo para essas obras e seus produtores, apartados de qualquer preconceito e o mundo em que vivemos hoje”, diz Szwarcwald, diretor-executivo do Arte nas Estações.



ARTE

Arte nas Estações' ch... Grande com exposiçã...

Projeto leva arte naïf ao Centro Cultural José Octávio Guizzo, com curadoria de Ulisses Carrilho e obras que retratam o universo popular e a força da

CORREIO DO ESTADO
QUINTA-FEIRA, 7 DE NOVEMBRO DE 2024

focada...
presen...
festas...
“sofrê...
músic...
condu...
entrel...
versos...
amore...
Ap...
duas e...
realiza...
31 de...
e “Ent...
de dez...
de 20...
gratui...
reforç...
projeto...
da cul...

A...
Expos...
Data...
Cent...

ACESSIBILIDADE

As ações de acessibilidade do projeto Arte nas Estações em Campo Grande consistem em estratégias de mediação e inclusão de pessoas com deficiência (PCD) e seus familiares, idosos e grupos em vulnerabilidade social.

As três exposições foram ambientes acessíveis e porosos às experimentações e às oportunidades de acesso de diferentes públicos. Oferecemos visitas exclusivas a desenvolvimento de estratégias sensoriais, transporte para realização de visitas educativas com foco na inclusão da pessoa com deficiência, uso de tecnologias assistivas, formação continuada da equipe para uma prática inclusiva, tapete tátil, obras com QR Code, obras com audiodescrição e vídeos sobre a exposição em libras

SUSTENTABILIDADE

A segunda itinerância do projeto Arte nas Estações, que aconteceu entre setembro de 2024 e fevereiro de 2025 foi um evento 100% Carbono Neutro. Isso significa que todos os gases do efeito estufa gerados pelo evento foram mensurados e neutralizados a partir da compra de crédito de carbono. As neutralizações são medidas pelas “Certified Emission Reductions – CER s” (Reduções de Emissões Certificadas), da ONU e são uma contribuição para a ação climática global. Os materiais de cada uma das três exposições também foram doados para reuso por agentes culturais locais.



SO— FRÊNCIA

ARTE NAÏF

AÇÕES EDUCATIVAS

Em cenas de convívio social, ambientes domésticos e ruas das cidades, percebemos festas, flertes e trocas de olhares. Ao ver esses corpos representados, podemos questionar quem são essas figuras, para onde olham, quem ou o que desejam. Expressar o afeto é uma das razões manifestadas repetidamente por artistas de diferentes períodos da história das artes. Com esta reunião de artistas autodidatas, isso não será menos legítimo. O termo francês “naïf” significa ingênuo, que tem em uma de suas definições como “sem qualquer tipo de malícia ou pecado”. Quais serão as fantasias por trás dessas sedução? Do trovadorismo à literatura romântica alemã, passando pelas modas de viola caipira ou pelo forró pé de serra, o sentimento – seja na alma, seja no corpo – aqui não é entendido como motivo menor ou menos importante para a criação.

Em Sofrência, percebemos que, apesar do medo de ficarmos sozinhos, o desejo de estar juntos é revolucionário. E a forma em que muitos afetos se manifestam apontam para uma nova maneira de se ver e se relacionar com as diversas dimensões do amor. A mostra parte do feminejo, momento em que a música sertaneja destaca as mulheres como criadoras e protagonistas das narrativas para abordar igualdade de gêneros (ODS5) e quebra de preconceitos (ODS 10) e a promoção de sociedades pacíficas e inclusivas (ODS 16).



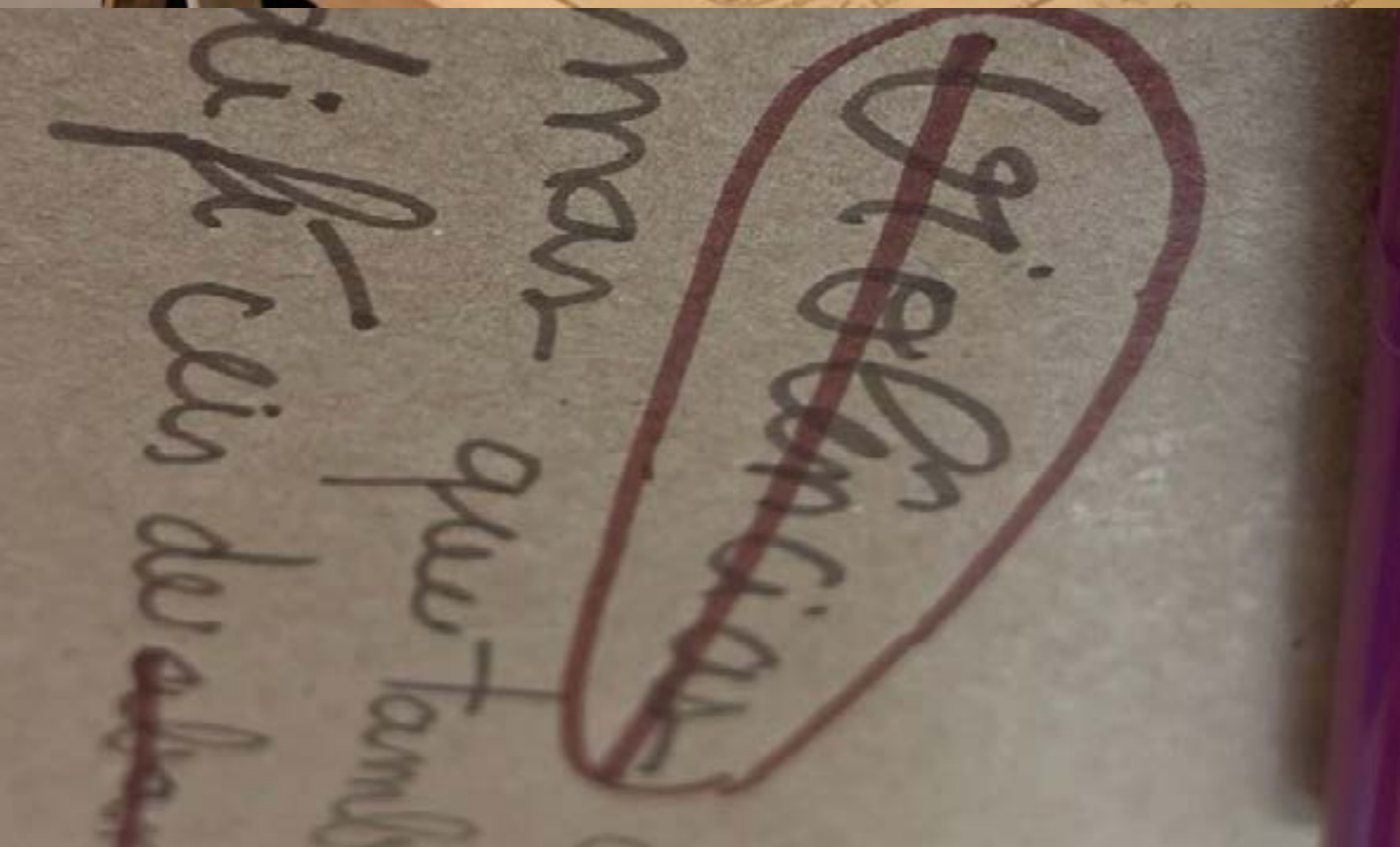
Visita temática – conheça Sofrência

Nesta visita os educadores convidaram o público a percorrer a exposição atento às obras que impulsionam o debate sobre os direitos das mulheres e o empoderamento feminino, a partir da musicalidade da Sofrência, em especial, do feminejo que fundamenta o projeto curatorial.



Oficina Tudo sobre o amor: lembrar, escrever, brincar amores

O projeto Arte nas Estações convidou o premiado escritor e professor Febraro de Oliveira (Campo Grande, 1998) para ministrar esta oficina que questiona o que é amor e como escrever sobre ele. Como contar que ama alguém ou algo? Amor tem senso de limite, jeito certo e jeito errado? Quando se ama, ama o que muda? São perguntas feitas há milênios por sertanejos, contadores de rodas e fofoqueiros, mas principalmente por quem ama. Na atividade, os participantes experimentaram formas de escrever, desenhar, rabiscar e falar sobre algo (ou alguém) que se ama.



Oficina de Baile Charme com Jéblack

Em parceria com o Festival Afronta, o projeto Arte nas Estações recebeu uma oficina de Baile Charme com o dançarino Jéblack, que busca proporcionar uma experiência em dança transformadora, conectando pessoas através da alegria de dançar e dos sentimentos afetivos e coletivos que o Charme oferece. Com mais de cinco anos de experiência no estilo Charme, Jéblack é carioca e criador da escola de dança CharmePro e sua abordagem tem impactado e conectado pessoas por meio da dança. A musicalidade fundamentou a exposição “Sofrência” e encontra-se sugerida em diversos trabalhos como Gafeira de Luxo (1990) de Fernando Lemos Novaes e Clube das Mulheres (1994) de Dalvan.





Roda de conversa performática – Amor Afrotranscitrado

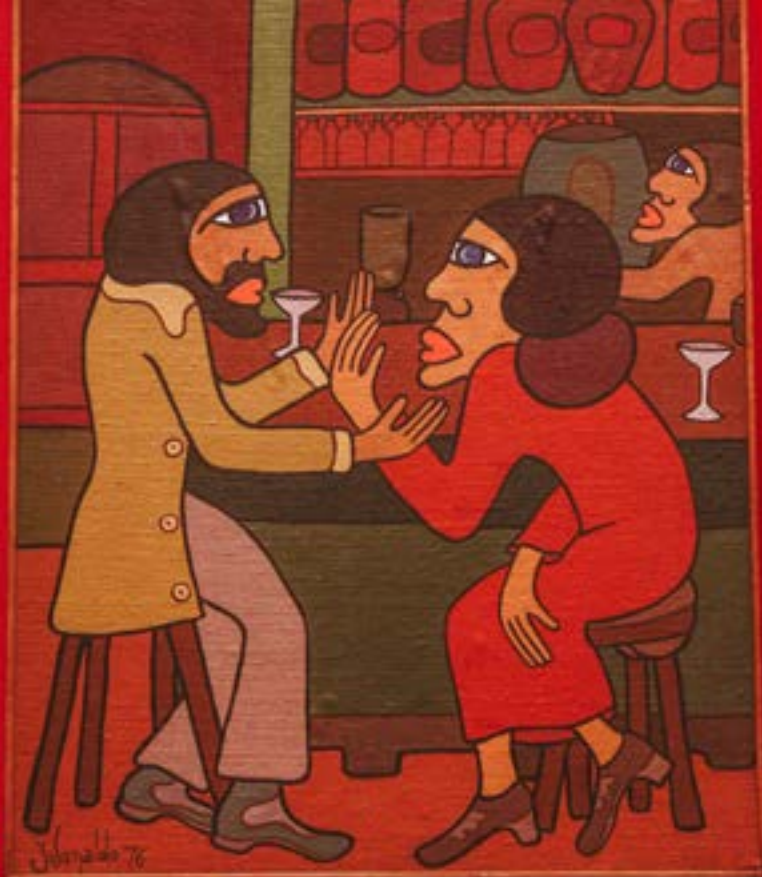
Em uma roda no espaço expositivo, a artista, performer e professora Emy Mateus e o fotógrafo Kaique Andrade compartilham suas vivências, pensamentos e reflexões sobre o amor a partir de uma perspectiva afro-transcitrada. A roda de conversa foi permeada pelo diálogo sobre a descentralização do amor romântico – reservado aos corpos cisgêneros, brancos e heterossexuais –, refletindo sobre as rupturas sociais que acontecem nas relações afetivas construídas por corpos dissidentes.



Visita temática Clube das Mulheres

A obra “Clube das Mulheres”, de Dalvan (1994), provocou uma roda de conversa sobre o prazer feminino e os tabus sociais impostos aos corpos das mulheres, com as educadoras Ana Triches e Assis. Permeada também pelos escritos de Conceição Evaristo, Chimamanda Ngozi Adichie, Marilena Chauí e pelas experiências individuais de cada participante, o diálogo ganhou contornos reais sobre as vivências a partir do ser/estar mulher em/na sociedade. A convidada Jéssika Rabelo contribuiu para a visita ampliando as discussões e reflexões sobre a temática e apresentou produtos que priorizam o bem-estar das mulheres. A atividade teve classificação indicativa de 18 anos.





Oficina Conversa de Bar

A partir da obra *Conversa de Bar* (1976) de Ivonaldo Veloso de Melo, as educadoras Marcus Perez, Kelly Queiroz e o educador Julian Vargas propuseram um diálogo com os programas performativos de Eleonora Fabião e instauraram no espaço expositivo um cenário próximo ao de um bar: cadeiras dispostas pelo espaço para duas ou mais pessoas que não se conheciam sentar e terem conversas. Mediadas por um cardápio que servia perguntas disparadoras para a construção dos diálogos, as pessoas foram provocadas a contar histórias e estabelecerem relações que ampliam seu campo sensível, poético e afetivo. A oficina foi direcionada para pessoas maiores de 16 anos e não envolveu o consumo de bebidas alcoólicas.



Gafieira de luxo com Matheus Assis

Mergulhado no universo proposto pelas obras “A Gafieira de Luxo” e “Roda de Samba”, a proposta da oficina foi vivenciar um pouco do contexto tradicional do samba de gafieira, refletindo sobre as raízes e memórias deste estilo de dança social, que dialoga de maneira atemporal com o cotidiano brasileiro. Ministrada pela educadora Matheus Assis, as pessoas interessadas em investigar sobre samba e suas relações de sofrência foram convidadas para esse momento no projeto Artes nas Estações.





Show musical com DOVALLE e banda

DOVALLE apresenta seu show com canções que percorrem a nostalgia e a contemporaneidade de ritmos, timbres e histórias. Imersos no vermelho intenso de “Sofrência”, exposição do projeto Arte nas Estações, o repertório autoral do artista dita o clima quente e animado da apresentação, temperado com grandes clássicos do cancioneiro brasileiro.

Oficina Esculturas de biscuit e arame

O desejo de ser escultor impulsionou o artista naïf Aldo Torres a criar obras com materiais não convencionais, como madeira, tubos de alumínio, arames, massa epóxi, ferro, biscuit, entre outros. Nessa oficina voltada para crianças e adultos, o artista experimentou a criação de esculturas de biscuit para expressar as plurais formas de representação do amor e da Sofrência.



Músicas para desenhar, colar e pintar sobre o amor

Quem consegue responder o que é o amor? Quem consegue nos dizer o que é sofrência? Lançadas ao vento sem pretensão de que retornem, perguntas provocadoras impulsionaram os participantes desta oficina a criar, a partir do amor e de suas possibilidades. Inspiradas por uma playlist criada pelo próprio grupo, os participantes foram convidados pelo educativo a aproximar suas criações plásticas desenvolvidas no ateliê educativo das obras da exposição “Sofrência”.



Redesenho – Varal das Estações

Nesta oficina criativa para as famílias, os participantes são convidados a construir um varal com suas produções e instalá-lo na área do Programa Educativo. A cada nova oficina, o varal é ampliado com novas obras criadas e cartografa as relações que crianças e adultos estabelecem com as obras das exposições do projeto Arte nas Estações. O varal se ramifica, ganha o espaço e sugere uma experiência pertinente às experiências individuais de cada um.



Pintura livre

Nesta oficina criativa para as famílias, os participantes são convidados a produzir pinturas e desenhos inspirados nas obras em exposição. Classificação indicativa livre (distribuição de senhas 1h antes sujeito a lotação)



ENTRE O CÉU E A TERRA

ARTE NAÏF

AÇÕES EDUCATIVAS

A exposição buscou um repertório rico e diverso que convoca o público a perguntar-se quais são as suas crenças: na arte, no país, nas religiões e nas doutrinas políticas, promovendo a inclusão social, econômica e política de todos (ODS 10). Não apenas obras de arte ou santidades são adoradas e cultuadas. O popular, aqui, propositadamente encontra o massivo: das grandes romarias aos meios de comunicação de massa, os grandes cultos são aproximados de imagens de programas de televisão, da cultura do espetáculo, do entretenimento. Importa valorizar a cultura como aquilo que ela é: uma massa informe, em franca transformação, que se faz em nossos discursos e imagens, buscando a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva (ODS 16).

Tal sistema cultural, plural, complexo, sincrético, mestiço e difuso também é uma maneira de dar corpo à imaginação da nossa gente: uma população forjada na empresa colonial portuguesa, fruto de migrações diversas, mas também da violenta escravização das várias nações indígenas que aqui viviam e das populações africanas, de diversas origens, trazidas à força.



Show de abertura: Isa Ramos – Voz e atabaque

A cantora Ramos une o poder da voz e a sonoridade ancestral do atabaque para criar uma atmosfera de profunda conexão entre o público e a exposição “Entre o Céu e a Terra”. O show percorreu as origens das tradições afro-brasileiras – como a Umbanda e o Candomblé – destacando como os ritmos, pontos e cânticos reverberam a luta e a espiritualidade de inúmeros povos que cruzaram as águas do Atlântico.





Oficina de construção de colares e guias

Com o início das grandes navegações e a dominação colonial, as contas de vidro foram elementos de troca com os povos recém-contatados nas colônias. Apropriadas pelas culturas, elas se tornaram elementos de adorno corporal e ritual. Suas dimensões de sagrado manifestam-se nas religiões de matrizes africanas como na umbanda e candomblé. Nesta oficina, os participantes foram convidados a confeccionar seus próprios adereços de miçangas enquanto conversavam sobre travessias, religiosidade, ressignificação e resistência.



Oficina com a escritora Sarah Muricy

A escritora Sarah Muricy, autora dos livros infanto-juvenis “O Reino Mágico dos Orixás” e “João e Yoyo: em ser livre para crer” conduziu uma oficina sobre a literatura das tradições de matrizes africanas tão presentes na exposição “Entre o céu e a terra” e nas pinturas de Odoteres Ricardo de Ozias. O caminho desta partilha foi composto por leitura de contos e poemas, apreciação de músicas, fazer artístico-visual e diálogos sobre a importância de abraçar as diferenças e ser tolerante.





Tra(ns)vessias entre o céu e a terra – oficina de vogue com Gabi Mancini

A oficina evocou a ideia de conexão entre o espiritual (o céu) e o físico (a terra), ao mesmo tempo que promoveu a visibilidade à experiência travesti, criando um espaço de reflexão e expressão para experimentar os elementos de Hands Performance, Spin e floor performance. Com bases nos elementos ar e terra, trazendo a prática para uma incorporação performática, as participantes investigaram a fluidez na transição dos movimentos.

Oficina Pintar céus impossíveis

Nesta oficina, os participantes foram estimulados a pensar a ideia de “impossível” diante da imensidão azul que paira sobre nossas cabeças. Para sermos capazes de imaginar que o céu é o mar de ponta-cabeça, a oficina propôs a construção de paisagens celestes inventadas, onde o céu se torna um espaço de possibilidades infinitas, que transcendem os limites da realidade.



Oficina Manipulação de ervas e feitura de chás

A utilização de ervas e plantas de forma artesanal para a preparação de chás e infusões terapêuticas, culinárias ou estéticas. Durante a oficina, os participantes aprenderam a identificar, colher, secar e armazenar diferentes ervas, além de explorar suas propriedades medicinais e benefícios para a saúde.



Ballroom Entre o Céu e a Terra

Nesta programação cultural, as Houses da cena Ballroom de Campo Grande se reuniram para celebrar o que existe de sagrado e profano entre o céu e a terra. Servindo muita beleza e combinando a energia poderosa das balls com a temática mística, as apresentações foram inspiradas nas noções de transcendência e conexão, trazendo para o palco uma celebração da dualidade humana, onde o celestial e o terreno se encontram.





Roda de conversa com Jéssika Rabello – De onde eu vim, pra onde eu vou: caminhar na ancestralidade

Enquanto faziam um escalda pés, os participantes aprenderam sobre as propriedades curativas de diferentes ervas, além de práticas de relaxamento e autocuidado associadas ao ritual. E ainda, compartilharam suas experiências e sentimentos relacionados à ancestralidade, permitindo a troca de histórias, vivências e conhecimentos.



Oficina de dança “Entre o céu e a terra, o mar: negros dançares com memórias da travessia”, com Rose Mendonça e Aline SerzeVilaça

A oficina de danças negras (Dança afro-contemporânea, House, AfroJazz, Dance) foi fundamentada nos princípios de corpo e ancestralidade (Inaicyra Falcão), no conceito de Escrivivência (Conceição Evaristo) e de Tempo Espiral (Leda Maria Martins). O encontro convidou os participantes a experimentarem o que as memórias da travessia informam aos corpos e como podemos aterrar e reterritorializar raízes tão longe do continente mãe, África, e negando os efeitos da escravização.





Exibição do filme “Selvagens” para alunos da E. M. Irmã Irma Zorzi

Programação em parceria com o Festival de Cinema Francês Varilux 2024. Após a visita mediada, os estudantes assistiram ao filme “Selvagens”, que se passa em Bornéu. À beira da grande floresta tropical, Kéria acolhe um filhote de orangotango encontrado na plantação de dendê onde seu pai trabalha. Ao mesmo tempo, Selaï, seu jovem primo, se refugia na casa deles para escapar do conflito entre sua família nômade e as empresas madeireiras. Juntos, Kéria, Selaï e o macaquinho vão lutar contra a destruição da floresta ancestral, que está mais ameaçada do que nunca.



Encontro performativo “Qual é a música?”

Inspirado na obra “Silvio Santos” (1983), do artista Melo, os participantes foram convidados a adivinhar as canções a partir de dicas e trechos, explorando a relação entre as músicas, a memória e a criatividade, imaginando trilhas sonoras para momentos da vida cotidiana ou cenas imaginárias.





Roda de Danças populares brasileiras com Renda que roda

O Grupo de Pesquisa em Danças Populares Brasileiras Renda que Roda realizou uma atividade no projeto Arte nas Estações para experimentar as danças tradicionais em diálogo com as obras em exposição. O grupo é coordenado pela Prof.^a Dr.^a Gabriela Salvador e vinculado aos cursos de licenciatura em Dança e Teatro da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. A experiência sensível é permeada pelos passos do jongo, do samba de roda, do coco, do siriri, do cacuriá e de muitas outras danças, além dos cantos e pontos.

Apresentação do espetáculo Culto das Travestis

‘De Trans para Frente’, primeira companhia composta exclusivamente por artistas trans e travestis em Mato Grosso do Sul, apresentou o espetáculo ‘Culto das Travestis’. Fundada e dirigida por Emy Mateus Santos, a companhia é formada pelas artistas Yara Maria, Gal Guilherme Garcia Talento/Vendaval, Kiara Kido e Maia Gauna, além do fotógrafo e videomaker trans Kaique Andrade, responsável pelas produções audiovisuais. O espetáculo propõe uma reflexão sobre a identidade e a visibilidade das pessoas trans e travestis, subvertendo as normas sociais e desafiando as ideias preconceituosas sobre o que significa ser transvestigênera.





Oficina de lambe-lambe “Olhares Protagonistas”, com Léo Mareco

A oficina de lambe-lambe Olhares Protagonistas com o artista Léo Mareco aposta em trabalhos feitos com materiais simples e de baixo custo, e consiste em elevar a autoestima de crianças, jovens e adultos participantes, protagonizando as pessoas através da arte do lambe-lambe. A oficina uniu arte contemporânea e arte urbana mostrando que com simples ações podemos transformar, valorizar pessoas e democratizar o ambiente escolar ou de outras instituições.



A FERRO E FOGO

ARTE NAÏF

AÇÕES EDUCATIVAS

A ferro e fogo firma-se como homenagem à insubordinação do povo brasileiro que, por diferentes ciclos de suas economias e histórias, exercitou suas alianças em lutas comuns – desde a manutenção de suas condições de trabalho até o respeito por seus costumes e crenças; da preservação de terras e animais até a proteção contra a violência policial. Tal verve aguerrida, presente em mentes e corações inquietos, possibilitou conquistas que mantiveram o estatuto da cultura popular – termo amplo, complexo e estigmatizado – aceso como o fogo, apesar das tentativas de domesticação da pluralidade da cultura popular brasileira – aqui aparece, sob armas, a metáfora do ferro.

Nesta exposição estão paisagens, as geografias e representações de natureza marcadas não apenas pela riqueza natural, mas também pela ação do humano, tornando cada vez mais complexas as ideias de natureza e cultura. Neste sentido, percebemos um país marcado pela força de seus cenários ricos em flora e fauna, e por isso se faz tão relevante protegê-lo (ODS15), mas também pelo esforço de trabalhadoras (ODS 5) e trabalhadores em construir um país mais justo em oportunidades (ODS 10).



PROGRAMAÇÃO DE FÉRIAS

O educativo do projeto Arte nas Estações preparou uma programação especial durante o mês de janeiro e parte de fevereiro, com visitas mediadas e ativações. Foram oferecidas oficinas com atividades lúdicas e sensoriais que promovem a partilha de conhecimento conduzidas pelos eixos temáticos da exposição “A ferro e fogo” e organizados a partir do conceito/ação: experimentar, conviver, habitar, territorializar e ocupar.

EXPERIMENTAR

A partir dos desdobramentos da exposição “A ferro e fogo”, o público foi convidado a experimentar coletivamente práticas de desenho, colagem e pintura no Ateliê Educativo.

CONVIVER

O conceito de Bem Viver - ancorado nas cosmovisões e práticas dos povos originários - atravessou as oficinas da semana, nas quais foram realizadas ações permeadas pelos elementos naturais, pensadas para toda a família.

HABITAR

O educativo celebrou a flora do bioma do Cerrado com ações de reflexão e preservação ambiental.

TERRITORIALIZAR

Esta foi uma semana que emergiu nas obras que integram a exposição e no território campo-grandense práticas contra-coloniais e tradicionais.

OCUPAR

O educativo convidou a experimentar oficinas que olham para a cidade de Campo Grande a partir de suas manifestações da cultura de rua.



Conversas de Rede: Leitura íntegra de livros infantis e infanto-juvenis indígenas com Ana Triches

Através da contação de histórias, a atividade explorou a rica pluralidade cultural do Brasil, transmitindo tradições por meio da oralidade, da poesia e da literatura, priorizando as cosmovisões e narrativas indígenas e indicando no corpo das tradições seus contos, cantigas, costumes e linguagem do povo brasileiro, seus mitos fundadores e suas crenças.





Pigmentação da resistência com Sol Terena

Sinopse: A artesã Sol Terena em diálogo com as obras de Odoteres Ricardo Ozias e Mabel contou como é feita a produção e extração dos pigmentos a partir das frutas jenipapo verde - de onde é extraída a pigmentação preta - e urucum - de onde extraímos da semente a pigmentação vermelha. Compartilhando saberes ancestrais durante a prática da oficina, a mediadora discorreu sobre as pinturas corporais indígenas, que utiliza o palito de bambu para fazer os grafismos, conhecimento milenar que se mantém vivo na pele, além de conversar sobre a importância de manter viva a tradição e ancestralidade do povo Terena.

Confecção em tecido juta com Ceani Marques

Através da confecção artesanal com tecido juta, a artesã promoveu uma imersão na cultura indígena Terena incorporando elementos tradicionais em seu fazer artístico. Nesta oficina, através das sementes, das tintas e das cores emblemáticas em tons de preto, vermelho e branco, as pessoas participantes tiveram a oportunidade de criar peças únicas e significativas.





Exibição do documentário “Pé de Histórias: árvores que guardam nossas memórias” e roda de conversa com a diretora Lu Bigatão

O documentário faz uma viagem por Mato Grosso do Sul com foco em suas árvores. São espécies da flora que contribuíram com o desenvolvimento econômico, influenciaram nos costumes, divulgaram a música pantaneira, ajudaram na criação de uma gastronomia regional e na fundação de cidades, contribuindo para a formação de uma identidade sul-mato-grossense. Sete são as espécies abordadas: peroba-rosa em Dourados (MS), erva-mate na fronteira entre Brasil e Paraguai, quebracho em Porto Murtinho (MS), pequi em Rio Verde (MS), guavira na Serra de Bodoquena (MS), pé de cedro em Coxim (MS) e jenipapo na reserva Kadiwéu. Árvores que despertam memórias, emoções e fazem parte da vida da população.



Oficina de sementes e plantio de mudas do cerrado

A oficina educativa e prática sobre sementes foi voltada para o conhecimento, o plantio e a preservação das sementes nativas da região do cerrado, um dos biomas mais ricos e diversos do Brasil. Cedro, Ipê, Manduvi e Tingui são algumas espécies do cerrado envoltas em lindas e criativas “cápsulas”. Tendo como um de seus objetivos sensibilizar os participantes sobre a importância da biodiversidade local, partilhar saberes sobre as espécies típicas do cerrado e promover ações de preservação ambiental, como a propagação de plantas nativas, o encontro proporcionou a possibilidade de plantar sementes e levá-las para casa, além do plantio de quatro mudas de árvores do cerrado na área do Centro Cultural José Octávio Guizzo.



Apresentação do espetáculo Navegantes com Cia. (Des)limites

Este espetáculo de teatro de rua destinado a todas as idades, feito com atores e bonecos proporciona ao público um passeio por riachos, rios e mares, mostrando a vida debaixo da água, com todos seus encantos e problemas. A peça foi narrada sob o ponto de vista dos animais, destacando como a degradação ambiental afeta suas vidas. Os personagens são peixes, jacaré, ariranha, cobra, sapo e também seres mitológicos, que fazem parte da cultura regional, além de animais marinhos como baleia, tubarão e cavalo marinho. O trabalho mostra a luta desses animais para sobreviver com o desaparecimento das matas ciliares, o assoreamento, poluição, pesca predatória, excesso de lixo, falta de saneamento básico. Navegantes é também um grito de alerta para a preservação de nossas águas.

Capoeira para crianças com Instrutor Huguin Kpuera

Atividade com experimentações de movimentos de capoeira brincando e adaptando ao público infantil, com fundamentos da capoeira, seus movimentos, ritmos e história. As crianças tiveram a oportunidade de vivenciar movimentos básicos, como a ginga, as esquivas, saltos e golpes, com ênfase nas brincadeiras corporais, nos ritmos e na cultura. Por meio de jogos e ludicidade, foi estimulado o aprendizado e a interação em um ambiente favorável e acolhedor para as crianças ampliarem suas experiências com a cultura do Brasil.



Capoeira para jovens e adultos com Instrutor Huguin Kpuera

A oficina buscou proporcionar a experiência do jogo da Capoeira da Angola e da Capoeira Regional, ampliando o repertório histórico, social e cultural das pessoas participantes e experienciando a musicalidade, os símbolos e significados dessa prática ancestral e contra-colonial.



Oficina de Siriri com Mariana de Castro

Esta oficina convidou os participantes a experimentar a dança do siriri, que é caracterizada por movimentos rápidos e alegres, com ênfase nas pernas e quadris e as pessoas dançarinas, geralmente em pares, giram e se movem para frente e para trás, acompanhando o ritmo da música. O siriri é um dos principais elementos culturais da cidade de Corumbá e do estado de Mato Grosso do Sul, sendo realizado em festas religiosas, como as celebrações de Nossa Senhora da Candelária, e também em festas populares, como as de aniversário da cidade. Seu ritmo é marcado por instrumentos como o curimbó (um tipo de tambor) e a viola de cocho, que criam uma batida forte e cadenciada. Além desses, o maracá e outros instrumentos de percussão também são usados.





Roda de maculelê com Coletivo Capoeira do Mato

Nesta vivência, os participantes experimentaram a roda de maculelê que é uma prática tradicional afro-brasileira que envolve dança, música e percussão. O maculelê é um tipo de dança de combate ou de simulação de luta, originário das comunidades afrodescendentes no Brasil, especialmente na Bahia. Tradicionalmente, é executado com bastões ou outros objetos, e o movimento de dança é realizado em uma roda formada por vários participantes.

Oficina de poesia marginal com Slam Camélias (MS)

Nesta oficina, o público foi convidado a criar poesia e experimentar uma batalha de rimas com o Slam Camélias. O nome Camélias está ligado a uma flor que já foi símbolo de resistência dos povos escravizados no Brasil. Conhecidas como “Camélias da Liberdade”, as flores eram utilizadas por aqueles que desejavam da liberdade do povo negro. Reverberando a simbologia na busca pela libertação de todas as mulheres, a Slam Camélias promove ações de fortalecimento da cena artística com apresentações de teatro, batalha de poesias, ações nas escolas e oficinas. Este encontro, no projeto Arte nas Estações, foi um espaço de criação literária que visa explorar e difundir a poesia e teve como característica principal o caráter de resistência e crítica social.



Oficina de danças urbanas com Rose Mendonça

Nesta oficina, a dançarina Rosy Mendonça trouxe estilos como o house dance, que incorpora elementos de várias culturas e é influenciada por danças como o hip hop, o jazz, o tap, a salsa, o merengue, o samba, a capoeira e o frevo.



Olhares Protagonistas - lambe-lambe com Leo Mareco

Durante dois dias as participantes experimentaram as técnicas do lambe-lambe e da arte urbana com a criação coletiva de cartazes ou pôsteres que serão colados nas ruas como meio de criação e expressão artística. O termo "lambe-lambe" refere-se ao processo de fixação dos cartazes nas superfícies públicas, como muros e postes, que pode envolver a utilização de cola, geralmente aplicada com as mãos. Nesta oficina ministrada pelo artista, as pessoas participantes foram fotografadas e participaram ativamente do processo de criação da obra de arte que, posteriormente, será instalada em espaço público da cidade.



Da ponte pra cá, da escola pra lá - oficina de RAP para crianças e adolescentes

Nesta parceria com o projeto “Da ponte pra cá, da escola pra lá”, os(as)icineiros(as) promoveram atividades de criação a partir das rimas e da cultura hip-hop. Com exercícios rítmicos, de poesia e improvisação, as participantes mobilizam crianças e adolescentes das periferias a transformarem artisticamente suas realidades. Por meio das rimas, dos grafites, dos passos e demais expressões artísticas, é possível ressignificar contextos sociais, culturais e históricos na tentativa de projetar uma ascensão às possibilidades, à superação da marginalização.



Batalha de RAP - A Ferro e Fogo

A Batalha “A Ferro e Fogo” apresentou oito MCs da cena do rap sul-mato-grossense, improvisando rimas e versos de acordo com temas oriundos da exposição que ocupa a galeria do Centro Cultural José Octávio Guizzo. A partir da improvisação de rimas, o momento desafiou os artistas a serem criativos, rápidos e técnicos na hora de desenvolver as letras, demonstrando habilidade, inteligência e performance. Assuntos como a desigualdade social, a violência policial, o preconceito racial e capacitismo, o desmatamento e as mudanças climáticas são disparadores para que os artistas improvisassem e provocassem no público a reflexão crítica e sensível.



Ficha técnica

DIREÇÃO EXECUTIVA E IDEALIZAÇÃO
EXECUTIVE DIRECTOR AND CONCEPTION

A-Ponte
Fabio Szwarcwald

REALIZAÇÃO / *PRESENTATION*
Ikigai Produções Ana Carolina Iglesias

PRODUÇÃO EXECUTIVA / *EXECUTIVE PRODUCTION*
RKF Consultoria
Patricia Moreno
Priscila Moreno

CURADORIA / *CURATORSHIP*
Ulisses Carrilho

PRODUÇÃO / *PRODUCTION*
Faceta Produções
Izabel Campello

PRODUÇÃO LOCAL / *LOCAL PRODUCTION*
André Tristão

ASSISTENTE / *ASSISTANT*
Marcus Vinicius Perez

PROGRAMA EDUCATIVO /
EDUCATIONAL PROGRAM

COORDENAÇÃO GERAL / *GENERAL COORDINATION*
Janaína Melo

COORDENAÇÃO LOCAL / *LOCAL COORDINATION*
Marcus Vinicius Perez

EQUIPE DE MEDIAÇÃO / *MEDIATION TEAM*
Ana Carolina Triches
Jéssika Rabello
Julian Vargas
Kelly Queiroz
Matheus Assis

IDENTIDADE VISUAL E PROJETO GRÁFICO /
VISUAL IDENTITY AND GRAPHIC DESIGN
Rita Sepulveda de Faria
Luiza Quentel
Pedro Brucz

ARQUITETURA / *ARCHITECTURE*
Estúdio GRU
Jeanine Menezes

ASSISTENTE / *ASSISTANT*
Lia Untem

ILUMINAÇÃO E AUDIOVISUAL /
LIGHTING AND MULTIMEDIA
Primeira Opção
MMV

MUSEOLOGIA / *MUSEOLOGY*
Euripedes Junior
Sara Bernal

MONTAGEM / *ASSEMBLY*
Anderson Nunes Ortiz
Joni Lima

ASSISTENTE / *ASSISTANT*
Giovano Carvalho Nunes
Jaderson Lima

FOTOGRAFIA DAS OBRAS /
PHOTOGRAPHS OF THE ARTWORKS
Jaime Acioli

FOTOS E VÍDEOS / *PHOTOS AND VIDEOS*
Vaca Azul
Transgrafias – Kaique Andrade

CENOGRAFIA / *SET DESIGN*

MARCENARIA
Pedro Modesto

PINTURA
Mauricio Pinturas Ltda

SERRALHERIA
Kompary Comunicação Visual Ltda.

SINALIZAÇÃO / *SIGNAGE*
Kompary Comunicação Visual Ltda.

TRANSPORTE / *SHIPPING*
Alves Tegan

SEGURO / *INSURANCE*
Howden Brazil

REVISÃO E TRADUÇÃO /
COPY EDITING AND TRANSLATION
BR75 | Aline Canejo

AUDIOGUIA, AUDIODESCRIÇÃO E LIBRAS /
AUDIO GUIDE, AUDIO DESCRIPTION
AND BRAZILIAN SIGN LANGUAGE
Inclusive Acessibilidade

DESENVOLVIMENTO DO SITE / *WEB DEVELOPMENT*
Mário Neto

COMUNICAÇÃO / *COMMUNICATION*
OZ Comunicação
Domi Valansi

ASSESSORIA DE IMPRENSA / *PRESS OFFICER*
Monica Villela
Isabela Ferreira
Evelise Couto
ASSESSORIA JURÍDICA / *LEGAL ADVISOR*
Marina Mandetta
Ernesto Borges Advogados

AGRADECIMENTOS / *SPECIAL THANKS*
Museu Internacional de Arte Naïf do Brasil
Jacqueline Finkelstein
Amparo 60
Casa Triângulo
Galeria Nara Roesler



Contato

Fabio Szwarcwald

(21) 99321-6067

fabio.szw@gmail.com

Ana Carolina Iglesias

(21) 98132-5110

iglesias.anacarolina@gmail.com

www.artenasestacoes.com.br



Ministério da Cultura apresenta

ARTE NAS ESTAÇÕES



Patrocínio Master

GRUPO
energisa12

Patrocínio



Apoio

Apoio Cultural



SETESC
Secretaria de Estado
de Turismo, Esporte
e Cultura



Apoio

Programa Educativo

Concepção



Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA

